



JORNALISMO E FOLKCOMUNICAÇÃO: COBERTURA MIDIÁTICA DAS ETNIAS EM PONTA GROSSA (PR)

Journalism and 'Folkcommunicatin': ethnicity's media coverage at Ponta Grossa (PR)

Rafael Schoenherr

Jornalista formado pela UEPG, mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor de Jornalismo na UEPG. Doutorando em Geografia na UEPG

Camila Silva Gasparini

Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa

Sérgio Luiz Gadini

Professor de Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Doutor em Comunicação pela Unisinos e Coordenador do Programa de Mestrado em Jornalismo da UEPG

Paula Melani Rocha

Professora de Jornalismo na UEPG

Gustavo Dornelles

Graduando em Jornalismo pela UEPG

André Packer

Graduando em Jornalismo pela UEPG

Resumo

Este artigo apresenta um índice das manifestações étnicas em Ponta Grossa. Discute-se a diversidade de traços culturais e as modalidades de expressão dos grupos na cidade. A pesquisa analisa notícias dos projetos de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Apresenta-se uma lista parcial dos registros da diversidade de manifestações culturais que dialogam com traços étnicos e de imigração. Identificou-se maior presença na cobertura de traços afro-brasileiros, eslavos e nipônicos da realidade cultural de Ponta Grossa.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Cultura local. Processos jornalísticos.

This article presents an cultural ethnicity manifestations index at Ponta Grossa. It discusses the diversity of cultural traits and the expression's ways of the groups in the city. The reserch analyses media news produced by 'Lente Quente' and 'Cultura Plural' - univesitary projects of journalism in Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). It presents a parcial list of the diversity manifestation cultural feature's wich has cultural and ethnicity traits. It identify most presence on media coverage afro, eslavo anda japanese culture in the Ponta Grossa cultural reality.

Key-words: Folkcommunication. Local culture. News production process.

Introdução

Toda cidade registra algum tipo de interação entre culturas e referências étnicas. O âmbito local funciona como espaço primeiro, por excelência, de visualização e realização desse tipo de ocorrência, ora expresso por combinações, relações (também de poder), mesclas, fusões, sincretismos e demais variações que tocam, em alguma medida, os



processos de “hibridismo cultural” (BURKE, 2010).

Desse modo ou dentro dessa leitura um tanto 'interacionista' da cidade¹, percebe-se que vão existir – em cada 'local' - graus de maior ou menor abertura a essa dinâmica de contato cultural e mesmo de presença mais ou menos consolidada, historicamente, de referenciais étnicos e migratórios expressos em acontecimentos na vida diária.

Daí que a diversidade cultural manifeste-se de forma diferenciada em cada cidade, conforme se ajusta, no nível local, a essa combinação. A lógica interacional que envolve e perfaz as manifestações culturais depende, portanto, dos processos históricos, das tensões econômicas, dos grupos sociais e seu grau de organização, de políticas públicas de preservação e fomento, entre inúmeras variáveis. Dentre elas, recebe especial atenção deste artigo a capacidade de registro e expressão jornalística de tal diversidade ou desse caráter híbrido da cultura, ainda que no espaço circunscrito (mas extremamente poroso) do município.

Esta pesquisa procura mapear ou levantar um índice da presença de manifestações de caráter étnico-cultural em Ponta Grossa, de modo a se discutir e perceber tanto a diversidade de traços migratórios (diferentes 'origens') quanto as variadas modalidades de expressão de um único conjunto ou referente étnico, indo da dança ao artesanato. Ao mesmo tempo, interessa identificar a capacidade jornalística de registro e reconhecimento dessa realidade cultural híbrida, sobretudo a partir de duas ações extensionistas integradas e em funcionamento no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Interessa pensar, indiretamente, a partir do levantamento proposto, a capacidade e também a potencialidade de se agregar às práticas extensionistas em Jornalismo a capacidade de reconhecimento, documentação e memória de espaços, iniciativas e manifestações culturais marcadamente híbridas – justamente no local mais imediato de atuação da universidade pública que é a vida social das cidades. Ganha-se com isso, em tese, a possibilidade também de se avaliar parcialmente o andamento dos referidos projetos, de modo a melhor ajustar as dinâmicas extensionistas e as rotinas de produção jornalística empregadas ao necessário levantamento de informações sobre matrizes e referências simbólicas que perfazem a cultura local.

A análise toma por base a produção de dois projetos de extensão do curso de Jornalismo da UEPG voltados à cobertura cultural em ritmo diário. O 'Lente Quente' (boletim digital da cena cultural de Ponta Grossa, disponível em <http://www.flickr.com/lentequente>) publica, desde 2010, uma fotolegenda por dia que represente os acontecimentos recentes da área cultural. O site Cultura Plural (<http://www.culturaplural.com.br>) produz reportagens, coberturas, notas informativas, vídeos e material em áudio num esforço de acompanhamento, discussão e memória da realidade local e regional no que diz respeito à cultura – está em atividade desde 2011. Participam dos projetos estudantes das quatro turmas do curso.

Pretende-se que os resultados apresentados e discutidos possam ser aproveitados no repensar das dinâmicas produtivas de ambos os projetos, além do serviço de avaliação parcial das atividades de cobertura cultural jornalística. A finalidade aplicada da pesquisa é a de reorientar produções em andamento na sua etapa de pauta ou de planejamento, ao se abrir a opção de um índice temático melhor conduzir procedimentos de reportagem – juntamente com outros insumos que perfazem a pauta jornalística, como agendas, observações, falas, experiências e afins². O trabalho rotineiro de tais projetos não raro agrega informações para debate e pesquisa junto ao Centro FolkCom de Pesquisas da

1 Perspectiva demarcada, em outro contexto, pela Escola de Chicago e a análise da ecologia urbana. Ver Becker (1996).

2 Sobre os insumos que participam do trabalho de pauta jornalística, ver Henn (1996; 2002) e Pereira Junior (2006).



UEPG, também sediado no curso de Jornalismo. A partir dessa instância de pesquisa das manifestações comunicacionais da cultura popular (área conhecida como folkcomunicação) é que esse levantamento passou a ser organizado.

O trabalho de catalogação ou classificação tentativa deve se prestar à avaliação de tendências de cobertura cultural local e discussão da capacidade de reconhecimento de diferentes práticas e aspectos das culturas. Ganha-se, por tabela, um levantamento parcial dos registros da diversidade de manifestações culturais que dialogam com traços étnicos e de imigração. Atribui-se um caráter folkcomunicacional a essa forma de se registrar tais manifestações - principalmente no recorte a seguir exposto do conceito (politicamente problemático) de etnia.

Etnia como aproximação folkcom da diversidade cultural

O jornalista e professor Luiz Beltrão, em 1967, cria o conceito de folkcomunicação, que se refere aos processos comunicacionais ligados ao folclore e à cultura popular. “Em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é a comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo referente ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação” (BELTRÃO, 2001, p. 8).

Já a noção de etnia refere-se a uma espécie de agrupamento determinado por alguns fatores como cultura e a língua. A orientação conceitual representa uma tentativa de “prevenir um 'erro' que consiste em confundir a raça (...) com um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART; 1997, p.34).

Se combinadas as duas aproximações teóricas, tem-se que a etnia, em sentido movediço ou cambiante, faz parte do interesse ou do esforço no sentido de um

método de identificação do grupo social, reforçando e preservando os traços culturais. Etnia, portanto, representa a identificação de um grupo social em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, geográficos, artísticos, religiosos, entre outros, diferenciando-se dos demais (DALCOL; *et AL*, 2011, p.4).

Sugere-se já aqui uma percepção minimamente relacional da referência étnica, que também inclui o observador – e, por extensão, o jornalista.

O cordel pode ser citado como um elemento folkcomunicacional relacionado à etnia. Pode ser explicado como folhetos contendo histórias rimadas. Tem esta denominação, pois, anteriormente, eram expostos em cordas em Portugal. No Brasil, a prática é reconhecida no Nordeste, demonstrando uma das características étnicas da região. “As características informativas do cordel podem ser notadas portanto, a partir de suas peculiaridades culturais, de sua estrutura comunicacional e seus traços memorialistas, observando-o, como um objeto da folkcomunicação” (MACIEL, 2010, p.5). Outro exemplo de manifestação étnica é o fandango paranaense, festa típica dos caboclos e pescadores que habitam a região litorânea e sua representação se dá através de danças. Aquilo que é tido como típico não exclui, portanto, possíveis hibridismos na configuração de manifestações culturais locais ou regionais.

Nessa rápida indicação teórica, para efeitos desse levantamento pontual das produções jornalísticas, nota-se – até mesmo nos exemplos – que a noção de etnia interessa aos estudos de folkcomunicação em pelo menos três percepções sobre a realidade cultural: 1) diferenciações entre regiões de um mesmo país. Enclaves da cultura nacional; 2) cruzamentos de referências culturais na constituição histórica de certa manifestação da cultura popular; e 3) método ou olhar capaz de sinalizar a copresença de grupos de pertencimento e identidades variados.

As três definições não são excludentes, mas complementares e toleram ênfases, tendo em vista a discussão em curso e os objetos de análise. De modo que é a terceira



noção apresentada que permite, de momento, melhor aproveitamento com vistas à classificação dos registros feitos pelos dois projetos jornalísticos extensionistas apresentados.

Em notório afastamento à ideia de raça, pureza, ou suposta originalidade cultural, a noção de referências étnico-culturais permite maior proximidade das dinâmicas em contextos de globalização e nas manifestações concretas de fluxos migratórios. Contemple-se, assim, traços de modos de ser de grupos migratórios associados a diferentes estratégias locais ou regionais de sobrevivência - “o fator etnia passa a ser entendido como mais um elemento integrante de traços identitários culturais de grupos humanos” (GADINI, 2007, p. 121).

Também é preciso considerar que a gradual urbanização contemporânea e o processo de migração interna contribuíram para miscigenar grupos com traços originais diferentes, projetando outros traços culturais por meio de relações comerciais, de sociabilidade, convivência e aproximação familiar, idiomática, alimentar ou religiosa. Não significa que tais 'expressões' étnico-culturais deixaram de existir, elas apenas ficaram pouco restritas às ações de grupos organizados de preservação artístico-cultural, através da prática da dança, música, artesanato, dentre outras manifestações (GADINI, 2007, p. 122).

A dimensão organizada ou de grupo parece ser relevante, portanto, nesse recorte folkcomunicação da ideia de etnia que venha a contemplar processos híbridos e de diversidade cultural na cidade.

Método de trabalho

O levantamento apresentado a seguir das produções dos dois projetos de extensão do curso de Jornalismo voltados à cobertura diária do setor cultural iniciou com a identificação de um conjunto geral de fotos e reportagens já publicadas que dialogavam minimamente com a ideia apresentada de referência étnico-cultural. Seja pelo tema principal fotografado ou pelo ângulo enfatizado em titulações.

A organização, em separado, dos dois conjuntos gerou categorias iniciais que permitiam aproximar registros até então isolados, quanto à modalidade da manifestação cultural, tais como música, dança, artesanato, gastronomia, entre outras derivações que foram aparecendo também na medida em que se visitava os materiais – isto é, a partir de características de imagens e pautas. A dificuldade recorrente de adequar registros nas categorias firmadas, em geral, acabou por demandar novas categorias ou revisão das então dispostas.

Em paralelo, mas ainda tratando em separado o *corpus* do Lente Quente e do Cultura Plural, iniciou-se agrupamento dos conjuntos em categorias maiores, dedicadas a identificar grupo de origem ou traço migratório de referência, tal como manifestações oriundas ou diretamente derivadas da cultura afro-brasileira, cultura japonesa, entre outros universos copresentes no âmbito local.

Feitas essas duas classificações simultâneas, decidiu-se mesclar os dois levantamentos, como forma de validar e reformular eventualmente as categorias adotadas. Desse processo emergem tipologias como tradição e costumes, ou grafismos e expressão visual – que, por sua vez, abarcam subcategorias, tais como personagens e grafite, por exemplo.

Por fim, resta sinalizar que a tentativa foi mais de inventariar os materiais produzidos que permitem uma percepção parcial da diversidade étnico-cultural presente na rotina da Princesa dos Campos (via categorias indutivas e tentativas ou temporárias) do que ilustrar



tipos ou estratificações mais consolidadas nas discussões de cultura popular e mesmo de folkcomunicação. Foi fundamental nesse processo o diálogo com outros esforços de análise em formulação no grupo de pesquisa de Folkcomunicação do Centro Folkcom do curso de Jornalismo da UEPG – que inspiraram algumas das tipologias em direção aos objetos. É o caso da última categoria, em que se nota mais a expressão de um vetor local da cultura popular do que o traço migratório de referência.

Resultados de pesquisa

Principais referências étnico-culturais da cobertura jornalística diária

No quadro geral levantado, destacam-se como manifestações que mais solicitaram subcategorias, isto é, aquelas que mais se diversificaram 'internamente' em modalidades de expressão registradas, as culturas afro-brasileiras, polonesa e ucraniana, e japonesa. Foram identificados pela ação jornalística cotidiana e minimamente etnográfica dos projetos cinco tipos de ocorrências de referência afro e a mesma quantidade relacionada à cultura japonesa. O traço polonês e ucraniano se fez presente em seis modalidades diferentes de manifestação.

Esses três universos de referência estão presentes (na cidade que se pode ler na cobertura jornalística dos projetos) como dança e também como grafismo e expressão visual (que inclui grafite, exposição fotográfica, mangá, entre outras técnicas de uso da imagem). São essas duas marcas que recebem maior acompanhamento e aparecem na cobertura das identidades afro, japonesa, polonesa e ucraniana - o que já indica o caráter minimamente organizado de tais traços a partir de grupos ou entidades atuantes e específicos.

Na tipificação dança, os projetos identificaram três grupos de traço afro praticantes de capoeira. Ao passo que as duas outras etnias registraram apenas um grupo cada a entrar na rotina de cobertura jornalística. Cada etnia registrou uma modalidade de expressão visual ou grafismo: grafite, mangá e exposição fotográfica - compartilhando traços afro do hip hop, da cultura japonesa e dos costumes ucranianos, respectivamente.

Aparecem também como modalidades recorrentes de expressão étnico-cultural, em dois dos três citados universos de maior presença na cobertura: música, crenças. As manifestações da música envolvem, no caso da cultura afro, a ação dos DJs (apresentação e gravação) e um espetáculo de teatro fotografado com alusão direta na vestimenta e na música a congadas. Interessante notar que neste último caso trata-se de um ator externo ao âmbito local, presentificando ou atualizando na cidade, via encenação, uma referência étnico-cultural. Dentro da musicalidade de traço nipônico aparecem três grupos diferentes de taikô (tambores) - em apresentação em evento temático ou como atividade agregada a outro setor, como na abertura da Flicampos (feira do livro).

Os projetos Lente Quente e Cultura Plural registram duas ocorrências associadas a crenças de traço afro-brasileiro: o comércio de objetos de umbanda e uma benzedeira (personagem/retrato). No caso das culturas polonesa e ucraniana, fotografou-se a Igreja Sagrado Coração de Jesus, também conhecida como Igreja dos Polacos, no centro de Ponta Grossa. Percebe-se a elasticidade de manifestações que articulam crenças e religiosidades, indo da institucionalização ritualizada em edificações específicas a histórias de vida e lojas comerciais.

A cultura polonesa e ucraniana é a única das três mais presentes a apresentar as modalidades artesanato (um tipo de manifestação), arquitetura (dois tipos, lambrequins e o prédio da Sociedade Polonesa) e gastronomia (um tipo). Já a cultura japonesa é a única a entrar no registro das coberturas como festa (Expo Anime Matsuri) e grupo organizado (Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Ponta Grossa). A cultura afro-brasileira é a única das três e se fazer presente na forma de tradição e costumes, em reportagens e fotos que retratam modos de vida (hip hop), cidadania (consciência negra) e biografia ou perfil de ator social (Dona Tânia).

Percebe-se, portanto, a partir desse retrato parcial da produção, em andamento, dos

dois projetos, que as três referências étnico-culturais mais presentes na cobertura se fazem existir em dez modalidades particulares de manifestação.

Presenças incidentais em construção nos enclaves da 'cultura princesina'

Em menor proporção, o trabalho rotineiro de cobertura cultural dos projetos parece sinalizar outras presenças, ainda que de forma potencial ou pouco desenvolvida. É o caso de ocorrências de referência alemã, russa, indígena, indiana, islâmica e andina. Cada universo cultural de origem tem apenas uma modalidade de manifestação registrada, por enquanto. Retrata-se a festa alemã (München), o artesanato indígena em meio urbano, o músico peruano na região central, a prática de Yoga com crianças no bairro de Oficinas (crença), uma mesquita islâmica (arquitetura) e as babushkas (bonecas) do artesanato russo.

De modo apenas sugestivo, com vistas a futuras organizações e novas classificações, sentiu-se necessidade de agrupar manifestações de cultura popular com ênfase na esfera local ou citadina como universo de referência e combinação – registros classificados provisoriamente de 'cultura princesina'. Por mais que eventualmente a origem de tais práticas culturais remeta a povos ou grupos identitários determinados, atentou-se para o enfoque principal do material jornalístico – a saber, o reconhecimento como marca da cidade e menos de grupos étnicos organizados específicos.

A 'cultura princesina' se fez presente nas coberturas em dez tipos de acontecimentos ou modalidades: dança, música, festa, crenças, grafismo e expressão visual, tradição e costumes, grupos organizados, circo, gastronomia e artesanato. Foram registrados quatro tipos de festas (junina/julina, festival ou feira, festas religiosas, carnaval/rua) e seis ocorrências ligadas à tradição e costumes: vendedor ambulante, cultura dos sebos, rua XV de Novembro, o uso de 'caderninho' em mercados de vilas, personagem e tradição oral-literária do cordel.

Em termos de crenças, registraram-se práticas institucionalizadas da igreja (datas comemorativas, caminhadas/procições, entrega de capelinha de casa em casa, capelas), personagens e lugares milagreiros (Corina Portugal, Olho D'Água São João Maria) e credences (ambulante que vende cura para todos os males).

A música se fez presente na 'cultura princesina' na forma de cantores populares ou de rua, festival, história de músico na cidade/perfil e estilo (música sacra). A dança aparece como festival ou performance de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs). O artesanato articula esse universo local como comércio de rua/ambulante, modos de fazer (saiba como fazer... veja como é feito...) e lugar (Casa do Artesão). Manifestações gastronômicas entraram na agenda de cobertura dos projetos via data comemorativa e festival. Duas reportagens do Cultura Plural referem-se a grupos organizados (no teatro e na literatura).

Dentro de grafismos e expressão visual, enquadraram-se as ocorrências de extênsil e um tipo de desenho ou figura presente em paredes, muros e portas de lojas da cidade, além de exposição, oficina e gênero (quadrinhos). Buscamos no Quadro 1 sintetizar a explanação em um índice temático, categorizado a partir de referências étnicas e seus eventuais desdobramentos em manifestações particulares:

Quadro 1 – Índice das manifestações étnico-culturais nos projetos Lente Quente e Cultura Plural

1. Cultura afro-brasileira:

1.1 Música

1.1.1 Dj George Chaves e o rapper Ismael Gueg

Bastidores de gravação HipHop PG “Atitude na hora de gravar”

1.1.2 Congada

1.2 Dança



1.2.1 Capoeira

Capoeira “Ilê de Bamba conquista 24 vitórias em Festival Estudantil de Artes”

Capoeira “Ilê de Bamba se apresenta no Folclore em cores”

Grupo Muzenza

ABADÁ-CAPOEIRA

1.2.2 Hip Hop

1.3 Crenças

1.3.1 Benzedeadas

1.3.2 Umbanda

1.4 Grafismo

1.4.1 grafite em cores (muros)

Pichações e grafite “Uma lata na mão e uma revolta na cabeça”

Grafite a arte das ruas

1.5 Tradição e costumes

1.5.1 Modo de vida

Movimento hip hop “Movimento Hip Hop: estilo de vida”

1.5.2 Cidadania

Ensaio de fotos “Site publica fotos em homenagem à Consciência Negra”

1.5.3 Personagem

CP Perfil Dona Tânia

2. Cultura japonesa:

2.1 Música

2.1.1 Taikô Fuirinkazan Wadaiko

Associação Cultural e Esportiva Nipo- Brasileira

Tabata Matsuri

Taikô “A magia do taikô ponta-grossense”

2.2 Dança

2.2.1. Associação Cultural Project Yume

2.3 Grafismo

2.3.1 Anime e mangá “Jovens mais próximos da cultura japonesa”

Mangá ponta-grossense “Membros do Project Yume lançam mangá ponta-grossense”

2.4 Festa

2.4.1 Expo Anime Matsuri “Project Yume apresenta Expo Anime Matsuri”

2.5 Grupos organizados

2.5.1 Associação cultural e esportiva nipo brasileira de Ponta Grossa

3. Cultura alemã:

3.1 Festa

3.1.1 München Fest

3.1.2 Resgate das tradições “Associação Germânica de Ponta Grossa realiza Novembro Germânico II”

4. Cultura russa:

4.1 Artesanato

4.1.1 Babushkas

5. Cultura islâmica:

5.1 Arquitetura

5.1.1 Mesquitas

6. Cultura ucraniana e polonesa:

6.1 Artesanato

6.1.1 Pêssanka



Pêssanka “Uma mensagem especial”

Pêssanka “Participantes ousados: oficina de pêssankas”

Pêssanka “O mistério dos ovos coloridos”

6.2 Arquitetura

6.2.1 Lambrequins

6.2.2 Sociedade Polonesa

Clube Renascença “Sociedade Polonesa tenta impugnar tombamento do Clube Renascença”

6.3 Crença

6.3.1 Igreja dos Polacos – Sagrado Coração de Jesus:

6.4 Dança

6.4.1 Noite Ucraniana “6º noite ucraniana pretende encantar com ‘A magia Cigana no Folclore Ucraniano’”

6.5 Gastronomia

6.5.1 Noite Ucraniana “6º noite ucraniana pretende encantar com ‘A magia Cigana no Folclore Ucraniano’”

6.6 Grafismo e expressão visual

6.6.1 Exposição fotográfica “A influência dos ucranianos nos Campos Gerais”

7. Cultura indígena:

7.1 Artesanato

7.1.1 venda de utensílios

8. Cultura indiana:

8.1 Crença

8.1.1 Yoga

9. Cultura andina:

9.1 Música

9.1.1 Música peruana

10. 'Cultura princesina':

10.1 Festa

10.1.1 Festas Juninas/Julinas:

Festa Julina “Festa Julina agita o Bando da Leitura”

10.1.2 Festas de igreja ou religiosas

Festa de Igreja Católica

Festa do Divino

10.1.3 Festa de rua

Carnaval

10.1.4 Festival

Festa das nações

Flicampos

10.2 Costumes e tradição

Caderninho – costumes populares

Vendedor ambulante

“A cultura dos sebos em Ponta Grossa”

Rua XV “Rua XV – entre xícaras de café e a arte do espetáculo”

Gari poeta “Gari poeta lança seu 3º livro no último dia do Flicampos”

CP Entrevista Cida Mendes “Cida e Concessa: mulheres ‘danadas’ que tem as ‘rédiás’ na mão”

Teatro em Cordel “Você sabe o que é rima?...”

10.3 Crenças

Curandeiro – remédios milagrosos – crendice popular

Corpus Cristi



Capelinha

Capela de São Sebastião

Caminhada de penitência

Procissão de Corpus Christi

Nossa Senhora do Rosário

Radionovela sobre Corina Portugal

Corina Portugal

Olho D'água São João Maria

10.4 Música

Músicos do Calçadão – Cantores populares

João Paraílho Cunha “Pelos Caminhos do Choro”

Easy Rock “Assista aos documentários feitos pelo Cultura Plural no festival Geração Easy Rock”

Música Sacra

10.5 Dança

CTG Estância Campeira

Danças gaúcha, do ventre, japonesa e capoeira “Folclore em cores encerra atividades com apresentações de dança”

10.6 Artesanato

Ambulantes

Artesanato de pinhão e palha “Artesãs de Ponta Grossa buscam alternativa no pinhão e na palha de milho”

Pássaros de palha de milho e esculturas de gesso “Aprenda a fazer peças artesanais de palha e gesso”

Produção de instrumentos musicais “Luthieria, a arte na produção de instrumentos musicais”

Casa do artesão de Ponta Grossa

10.7 Gastronomia

Dia Nacional da Cachaça

Festival Gastronômico

10.8 Circo

Circo “Profissionais do Circo Roda trabalham fazendo o que gostam”

Circo “Circo Roda traz magia e emoção ao palco do Cine Teatro Ópera”

Circo “Hoje tem palhaçada? Tem sim senhor!”

Circo “Hoje tem (mais) circo no SESC!”

Circo “Um ‘circo de coisas’ encantador”

10.9 Grupos organizados

Artistas denunciam amadorismo “O drama do teatro ponta-grossense”

Leitura bairro Oficinas “Bando de leitura”

10.10 Grafismo e Expressão Visual

Grafite PB em paredes de lojas

Extênsil

“Crenças populares são tema de exposição no Centro de Cultura”

Exposição fotográfica “Exposição fotográfica retrata mulher ponta-grossense”

Quadrinhos de Nicholas Silva

Oficina de colagem

Considerações finais

Constatou-se, via levantamento parcial, a abordagem nas produções dos projetos Lente Quente e Cultura Plural até o mês de agosto de 2012, um total de 11 tipos de manifestação cultural inseridas em pelo menos dez referências étnico-culturais ou traços identitários (co)presentes na cidade – a região dos Campos Gerais não foi considerada



nesse esforço inicial de pesquisa. Ao todo, catalogou-se 60 tipos de ocorrências de alguma marca étnica, nas confluências da cultura popular local, inseridas nas 11 modalidades planejadas.

Excetuando-se o que aqui se chamou de 'cultura princesina', foram constatados nove universos ou grupos identitários presentes na cidade, articulando dez modalidades de manifestação cultural num total de 29 tipos de ocorrência. Música, crenças, artesanato, expressão visual e dança apareceram três vezes cada dentro desses 'enclaves' ou conjuntos de referência étnica. Ao passo que festa e arquitetura figuram, cada um, como modo de expressão em duas referências (do total de nove).

Percebe-se que os referências étnicos se desdobram em acontecimentos pontuais na rotina local, que se transformam em objeto da cobertura jornalística e fotojornalística dos referidos projetos de extensão. No entanto, há uma diferenciação na capacidade da ação jornalística extensionista em retratar cada modalidade de expressão identitária. Nesse sentido, o índice aqui proposto acaba por balizar novos processos produtivos, na medida em que indica presenças e ênfases. Ao mesmo tempo, o inventário sugere como é que cada grupo se faz presente na cidade e qual tipo de ocorrência parece ganhar habitualmente espaço na cobertura jornalística dos projetos.

Isso leva a pelo menos três considerações principais. Em primeiro plano, destaca-se a necessidade de agregar avaliações parciais ao remodelamento das práticas extensionistas. Em nosso caso, o índice foi a forma encontrada de registro da presença étnica em Ponta Grossa, de sua documentação, por um lado, mas, principalmente, no âmbito produtivo 'interno', o mecanismo tentou criar um vetor operacional que gere efeitos das análises das coberturas realizadas sobre procedimentos produtivos rotineiros de organização dos projetos. Aliás, dada a proximidade temática das duas ações extensionistas, a proposta aqui foi de, indiretamente, indicar possibilidades de avaliações conjuntas sobre o modo geral de fazer jornalismo aí detectado ou em formulação - o que não impede que, daí em diante, cada um dos projetos elabore a sua leitura e o seu aproveitamento dos dados levantados. Até mesmo pela natureza diferenciada e multimídia dos espaços jornalísticos Lente Quente e Cultura Plural. Mas uma possível indicação é de que o inventário aqui iniciado tenha utilidade em reuniões de pauta dos projetos, sinalizando lacunas e eventuais repetições na cobertura - tornando-as mais sistemáticas.

Um dos limites da metodologia adotada é justamente o de se ter um tipo de avaliação parcial do andamento dos projetos de maior repercussão sobre apenas uma das etapas produtivas, o momento de decisão da pauta. Deve-se pensar em como construir vetores sobre outras etapas do processo, como apuração, pesquisa, acesso a fontes, edição, publicação, revisão, montagem, interação com o leitor.

A segunda consideração a se fazer é que o presente levantamento e as próprias iniciativas extensionistas em questão questionam ou ao menos complementam uma determinada visão preponderante e cada vez mais limitada do que seja o jornalismo cultural brasileiro, tal como em Piza (2009) - que o associa ainda, em muito, a cadernos de cultura em grandes jornais impressos e a produtos culturais de relativo peso no mercado. Nota-se que é possível estabelecer penetrações entre a cobertura jornalística e marcas híbridas de referências étnico-culturais que também perfazem o cotidiano da cidade - fenômeno esse também passível de virar notícia, portanto. O jornalismo cultural não estaria com isso deixando de analisar produtos culturais mais próximos das indústrias editoriais, fonográficas e cinematográficas. Mas passaria a agregar uma preocupação mínima com manifestações de ordem mais difusa, combinatória e cotidiana relevantes no perfil identitário do município.

Além dessa proposta configurar uma ampliação temática, implica transformação nos fazeres jornalísticos - uma terceira consideração final. Ao analisar os cadernos culturais do principais jornais do país, Gadini (2009) observa uma relação entre as estruturas editoriais adotadas (temas, subtemas, editorias, enfoques, formatos) e os modos de fazer jornalismo (pensar ou aceitar pautas, relação com assessorias, uso de entrevistas, contato com outras



mídias, inserção no meio cultural, interação com os demais atores do campo cultural). Em alguma medida, é possível observar melhor essa relação nos projetos analisados a partir do índice levantado sobre a cobertura específica das referências étnicas e culturais em Ponta Grossa. Em outras palavras, as regularidades encontradas no material analisado (fotolegendas e reportagens) possuem alguma correspondência com os processos produtivos que organizam semanal e quinzenalmente os projetos.

Dentro tais processos encontra-se a pauta jornalística, momento decisório do que ganha cobertura e destaque nos espaços referidos. Etapa esta que aciona, sobretudo, uma competência de reconhecimento do que deve virar notícia. Em nosso caso, reconhecimento cotidiano do que é cultura. O levantamento aqui apresentado demonstra um modo de ver os acontecimentos de ordem étnica na cidade, capaz de reconhecer, sobretudo, ocorrências expressas como música, dança, crenças, grafismos, tradições, festa popular, grupo organizado, artesanato, arquitetura, gastronomia e circo.

As ausências e lacunas devem, nesse sentido, reorientar decisões de pauta. Os referentes cultura indígena, indiana, alemã, russa, islâmica e andina aparecem registrados em apenas uma modalidade de manifestação cada um - ao passo que a cobertura da cultura afro e da eslava reconheceu em cada um desses universos ao menos cinco tipos de expressão. Noticiar ou fotografar grupos organizados representantes de tais etnias também aparece como limite a ser indicado (sobre a realidade em si e sobre a cobertura).

Por fim, o levantamento permitiu notar um tipo de cobertura voltada à cultura popular local, denominada 'cultura princesina', que parece bem apontar para um dos pontos fortes dos projetos - que é o desafio de retratar marcas populares enraizadas em expressões locais. As práticas extensionistas apontaram para a variedade de manifestações noticiadas sobre esse conjunto, que, por sua vez, pode melhor auxiliar no debate teórico e conceitual da cultura popular e dos traços étnicos presentes nas produções jornalísticas.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard. A Escola de Chicago. Revista Mana, v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

DALCOL, Wesley; CELINSKI, Giovana. M.; WOITOWICZ, Karina J. **Artesanato e cultura popular: a pêsanka como manifestação folkcomunicacional**. 2011.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. Expressões Étnico-Culturais. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, Karina (orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia: uma semiose sistêmica**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

MACIEL, Ana Daniele. **Informação e cultura: a folkcomunicação no cordel nordestino**. Paraíba: ENEBD, 2010.



RAÍZES E RUMOS

REVISTA DA PRÓ-REITORIA DA EXTENSÃO E CULTURA - PROEXC

ISSN: 2317-7705 online
ISSN: 0104-7035 impresso



PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia:** métodos de investigação na imprensa. Pretrópolis: Vozes, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2009.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1997.